

TEATRO E RELIGIÃO: O DISCURSO DE ESTUDANTES EVANGÉLICOS NO CONTEXTO DE FORMAÇÃO SUPERIOR EM ARTES CÊNICAS¹

Theater and Religion: The Discourse of Evangelical Students in the Context of Higher Education in Performing Arts

Jean Carlos Gonçalves
Cláudio Eduardo Andrade
Universidade Federal do Paraná – UFPR

Resumo: O artigo tem como objetivo compreender o discurso de estudantes evangélicos sobre as práticas teatrais no contexto universitário, especialmente no que se refere à relação entre fé e liberdade artística. A pesquisa foi realizada no âmbito de um curso de graduação na área de Artes Cênicas sediado em uma universidade pública do Brasil. O quadro teórico-metodológico está ancorado na Análise Dialógica do Discurso, que tem nos estudos de Bakhtin e o Círculo sua principal referência. A pesquisa contribui para os campos da educação, da linguagem e das artes, apontando resultados que indicam limites e possibilidades da relação entre teatro e religião, considerando as peculiaridades que constituem a identidade e a alteridade dos sujeitos envolvidos e a defesa de um fazer teatral universitário que consiga preservar, mesmo em meio a processos fundamentalistas e exclusivistas, a autonomia, a laicidade e a democracia.

Palavras-chave: Prática teatral, religião, discurso, universidade, educação.

Abstract: The article aims to understand the discourse of evangelical students about theatrical practices in the university context, especially with regard to the relationship between faith and artistic freedom. The research was carried out within the scope of an undergraduate course in the area of Performing Arts based at a public university in Brazil. The theoretical-methodological framework is anchored in the Dialogical Analysis of Discourse, whose main reference is the studies of Bakhtin and the Circle. The research contributes to the fields of education, language and the arts, pointing out results that indicate limits and possibilities of the relationship between theater and religion, considering the peculiarities that constitute the identity and alterity of the subjects involved and the defense of a university theatrical doing that manages to preserve, even in the midst of fundamentalist and exclusivist processes, autonomy, secularism and democracy.

Keywords: Theatrical practices, religion, discourse, university, education.

Recebido em 29/11/2021

Aceito em 25/02/2022

¹ Trabalho realizado com apoio do CNPq – Bolsas de Produtividade em Pesquisa e Pós-doutorado Sênior do primeiro autor e Bolsa de Iniciação Científica do segundo.

Entre a cruz e a espada

Então, acho que nunca vivemos isso, não. Por que, agora, além de tudo, ainda há uma moralidade em cima de nós, e aí isso acaba em cima de quem? Do instrumento do demônio, que é o ator. Somos perigosos porque nós nos aceitamos diversos. Como entender isso do ponto de vista de uma religião, ou de uma seita, que tem lá seus princípios?
Fernanda Montenegro

A presente pesquisa teve como objetivo compreender o discurso de estudantes evangélicos sobre as práticas teatrais no contexto universitário. Através de uma investigação em perspectiva discursiva, são abordadas questões que se entremeiam no espaço da relação teatro-universidade, a partir do que dizem estudantes, que chegam à universidade, imbuídos de um discurso religioso advindo de suas vivências em igrejas evangélicas² e, ao se depararem com um ambiente de criação cênica repleto de novas experiências, se defrontam com dificuldades de se envolver com determinadas práticas do fazer teatral, especialmente aquelas relacionadas ao treinamento corporal de atores, tendo em vista os valores religiosos que carregam.

Buscamos entender como as práticas teatrais são recebidas pela comunidade religiosa e quais as atividades que o ator/professor pode ou deve desenvolver em uma esfera evangélica, considerando, aí, os limites e possibilidades que se enquadram dentro das normas (conjunto de princípios) que regem as denominações em questão.

Processos como energização do ator, envolvendo impulsos corporais, cantos, ou qualquer tipo de rito performático, confundem-se, facilmente, com possessões demoníacas e outras modalidades de transcendência espiritual que não são bem-vindas nas igrejas, especialmente aquelas mais voltadas aos movimentos religiosos neo/transpentecostais, alvo de discussão nesse trabalho. Há, ainda, por parte de frentes mais radicais do movimento evangélico, uma série de restrições à liberdade artística na área do teatro.

² Optamos por não fazer referência às denominações religiosas das quais os estudantes pesquisados fazem parte, mas todos eles pertencem a igrejas evangélicas vinculadas ao movimento neopentecostal ou, conforme demonstram estudos recentes, movimento transpentecostal (MORAES, 2010).

No processo de pesquisa, encontramos restrições à prática e recepção teatrais descritas em documentos oficiais de igrejas evangélicas. Tomamos como caso particular o material intitulado *Estilo de Vida e Conduta Cristã*³, cujo objetivo é reafirmar a crença bíblica da Igreja Adventista do Sétimo Dia, quanto ao comportamento de seus membros em diferentes situações cotidianas. O documento, votado por uma comissão de líderes religiosos de oito países sul-americanos, no final de 2012, contém, no seu item 4. *Recreação e Mídia*, severas recomendações voltadas ao teatro. O mesmo destaca e atualiza para os tempos contemporâneos o conselho de Ellen White acerca do teatro:

Entre os mais perigosos lugares de diversões está o teatro. Em vez de ser uma escola de moralidade e virtude, como muitas vezes se pretende, é um verdadeiro foco de imoralidade. Hábitos viciosos e tendências pecaminosas são fortalecidos e confirmados por esses entretenimentos. Canções baixas, gestos, expressões e atitudes indecentes pervertem a imaginação e rebaixam a moralidade. Todo jovem que costuma assistir a essas exhibições se corromperá em seus princípios. Não há influência mais poderosa em nosso país para envenenar a imaginação, destruir as impressões religiosas e tirar o gosto por divertimentos tranquilos e realidades sensatas da vida do que as diversões teatrais. (WHITE, 2013, p. 381)

A título de exemplificação, podemos citar, ainda, um caso recente: o conjunto de situações de censura ligadas ao espetáculo *O evangelho segundo Jesus-Rainha do Céu*, interpretado pela travesti Renata Carvalho em diferentes locais do país. Entre as principais reportagens sobre o tema, imperam enunciados como “foi cancelada após forte pressão dos setores evangélicos” (MESQUITA, 2018) e “Deputado pastor Eurico denuncia ‘profanação’ e pede respeito à fé cristã” (ARAGÃO, 2018).

Ao mesmo tempo:

A literatura sobre a relação entre juventude, religião e política apresenta uma forte tese que indica a potencialização da participação social e política de jovens religiosamente ativos. Também apresenta dados que mostram que a religião é talvez a principal forma associativa de jovens no Brasil. Enfim, que a participação na esfera pública da juventude, em especial

³ Disponível em <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/estilo-vida-conduta-crista/>>. Acesso em 08 mar. 2022.

quem tem filiação religiosa, tende a ser via “ação social” - como campanhas filantrópicas ou de caridade -, em detrimento da participação institucional. (GROPPO & BORGES, 2018)

Justifica-se, assim, a importância dessa pesquisa e suas urgências de discussão, já que compreender a dualidade *Teatro & Religião* pela voz de estudantes evangélicos constitui-se um tema ainda não enfrentado pela pesquisa acadêmica⁴.

Quadro teórico-metodológico

A pesquisa é ancorada nos estudos da Análise Dialógica do Discurso (Bakhtin e o Círculo), partindo de uma abordagem qualitativa, a partir de um formulário em forma de questionário, disponibilizado *online* e direcionado a estudantes que se denominavam, à época da investigação, cristãos evangélicos praticantes, integrantes de diferentes denominações, cujos nomes serão, nesse estudo, preservados. As respostas foram analisadas em uma perspectiva bakhtiniana e, dentre os cinco fragmentos enunciativo-discursivos escolhidos para análise neste trabalho, pode-se notar que dentro da universidade há uma série de enfrentamentos a serem considerados, especialmente em cursos vinculados à área das Artes Cênicas, postulados por um conjunto de dizeres que evoca olhares para demandas urgentes quando se põe em xeque a relação entre fé e arte.

A construção metodológica do trabalho tem sua base em pressupostos éticos para a pesquisa em ciências humanas. Concordamos com Campos, para quem:

Conflitos e o confronto das diferenças podem ameaçar continuamente a construção da identidade. A área da educação, especialmente, vivencia essas preocupações de forma aguda, pois trata especificamente de um processo interativo, por definição interindividual. (CAMPOS, 2021, p. 7)

⁴ Foram consultadas, durante a investigação, diferentes bases bibliográficas e periódicos das áreas correlacionadas. Embora a literatura apresente um arsenal de pesquisas sobre a presença de jovens evangélicos nas universidades, não encontramos nenhuma produção científica que se debruçasse sobre a presença de estudantes de teatro evangélicos no ensino superior, caso deste trabalho.

Desse modo, decidimos, em conjunto com os participantes da pesquisa, não apresentar dados de identificação da universidade e do curso onde a pesquisa foi desenvolvida. Na mesma esteira de prudência e cuidado, e alicerçados no entendimento de que “a ética pressupõe a presença do outro” (Idem, p. 7), optamos por não discutir aspectos da identidade dos sujeitos da pesquisa, compreendendo que a presença de cada colaborador revela não somente um discurso descolado de uma realidade e, sim, uma trajetória de vida. Nesta pesquisa, os sujeitos colaboradores são nomeados como *estudantes*. Importa, ainda, salientar que, na universidade onde a investigação foi realizada, um comitê de ética específico para as ciências humanas e sociais foi instaurado somente no ano de 2021, motivo pelo qual escolhemos, à época da realização do estudo (entre 2018 e 2019), sustentar o percurso metodológico em princípios éticos defendidos pela literatura sobre o tema⁵.

A principal teoria de análise pertence ao campo dos estudos enunciativos, que encontra sua base nos estudos de Bakhtin e o Círculo. Os estudos bakhtinianos ou o pensamento bakhtiniano é o conjunto de formulações teóricas advindas do chamado Círculo de Bakhtin. Embora existam diferentes atribuições ao termo “Círculo de Bakhtin”, por parte de alguns pesquisadores, não faremos uma explanação explicativa e histórica, mas o utilizaremos para fazer referência ao conjunto da obra que traz ideias produzidas por intelectuais russos, desde a segunda década do século XX. Do mesmo modo, as não menos importantes discussões sobre a autoria dos textos não terão espaço de discussão neste artigo. Ao referenciar os textos do Círculo, consideramos a autoria de acordo com a tradução utilizada e em respeito à edição consultada. Importa lembrar que os estudos bakhtinianos têm se configurado enquanto reconhecido constructo teórico-metodológico para a compreensão de temas relacionados às Artes Cênicas na atualidade, como demonstram os estudos de McCaw (2016), Gonçalves (2019) e Gonçalves & McCaw (2019).

Bakhtin (2010) concebe a constituição do sujeito a partir da interação com o outro. Na situação de enunciação, o sujeito provoca no seu interlocutor uma

⁵ Ver Bogdan & Biklen (1994) e Santos; Vale; Bogoni; Kirkegaard (2021).

atitude responsiva, que está permeada pelo ambiente no qual a comunicação acontece, existente entre as pessoas envolvidas nessa interação. Compreendemos, então, que na prática discursiva os sujeitos mostram-se, percebem suas diferenças, atribuem sentidos ao discurso alheio e permitem que o outro também atribua sentidos ao seu discurso.

Para os estudos bakhtinianos só pode existir pesquisa a partir do outro (BAKHTIN, 2017). O pesquisador coloca-se à disposição do outro e através desta interação é que o enunciado é dado como centro na análise. Não há como ter pesquisa se não houver o outro para se relacionar: o homem pesquisador que estuda o outro homem, o pesquisado, dialoga com ele, fala com ele, como se estivessem em uma conversa real, e não somente escrita.

Para Bakhtin (2010), a palavra orienta-se em função do interlocutor, e por esse motivo não pertence totalmente ao seu locutor, pois sua materialização é dirigida a alguém. Os sujeitos da enunciação estão inseridos em um ambiente de inter-relação social dentro de um determinado contexto, e é esse contexto que vai definir a situação enunciativa. No caso dessa pesquisa, a materialidade analisada é constituída pela interlocução textual presente nos discursos de estudantes de um curso de graduação na área de Artes Cênicas, portanto, uma esfera universitária.

Análise: O que dizem os estudantes?

É algo complicado de lidar, pois a igreja nos dá certos princípios que nos fazem sentir desconfortáveis ao apresentar uma peça ou fazer algo na universidade, como se esses princípios estivessem sendo “burlados”.
(ESTUDANTE 1)

Ao ler esta resposta o que podemos perceber é que o estudante que respondeu sinaliza para um conjunto de condutas às quais denomina como *princípios* e aparentemente se vê ameaçado em perdê-los ao fazer uma atividade de teatro, ao participar de aulas práticas corporais ou até mesmo teóricas. Ao apresentar certo desconforto, quando precisa *fazer algo na universidade*, acredita que estes princípios estão sendo *burlados*, o que coloca os ensinamentos da universidade e da igreja em contraponto, ou seja, o discurso cristão e o acadêmico

parecem não estar em sintonia, o que se configura como estopim para uma espécie de conflito moral. Tal discussão insere-se no debate sobre uma teologia pública, que consiste em:

explicitar a fé cristã de modo compreensível a um público além das fronteiras da igreja e contribuir com base nessa perspectiva de fé, no espaço público, para o bem comum. Visa, ainda, orientar a atuação das igrejas cristãs no espaço público. (SINNER, 2013, p. 16)

Para o autor, uma teologia pública⁶ deveria refletir sobre questões da sociedade contemporânea, confirmando seu lugar na academia e comunicar à comunidade considerando as esferas científica, religiosa e política. Dessa forma, pensar o discurso de estudantes de teatro sobre suas vivências nas fronteiras entre religião e universidade se apresenta como pesquisa ao mesmo tempo urgente e potente.

O estudante cujo enunciado acima está em análise foi submetido, ao longo de sua formação religiosa, a discursos que não corroboram com aqueles advindos de uma formação artística/universitária em teatro, ou seja, é possível que certas solicitações do campo teatral/universitário destoem da formação discursiva religiosa que fizeram parte da sua construção enquanto sujeito até então e que carrega consigo em suas experiências universitárias. Nesse ponto, é possível que exista, talvez, o medo da liberdade, ou ao menos, uma fuga de qualquer prática teatral que possa levá-lo a rever as posições ideológicas pregadas por sua comunidade:

O ser que se autorrevela não pode ser forçado nem tolhido. Ele é livre e por essa razão não oferece nenhuma garantia. [...] O indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. [...] A formação do ser é uma formação livre. (BAKHTIN, 2017 [1930-40], p. 58, 59, 60)

Uma das missões da universidade parece-nos estar sendo cumprida. O discurso do estudante aproxima-se do que Bakhtin insiste em seus escritos: o fato de que o sujeito é constituído socialmente. Ao entrar em contato com outros modos

⁶ Sugerimos a leitura da excelente análise de um mapeamento sobre a teologia pública escrita por Zeferino (2020) e do texto de Caldas (2016), que aponta para os desafios deste conceito na América Latina.

de vida, com outras possibilidades de pensamento e discurso, ele mesmo pode redefinir seu *status* frente a diversas ocasiões, sejam elas políticas, religiosas ou existenciais. Nesse processo, instaura-se a alteridade, condição *sine qua non* da identidade e, por sua vez, da preservação da diversidade que nos torna humanos. Embora, para o estudante, o enfrentamento do tema seja conflituoso (*complicado de lidar*), compreendemos que somente ao dar visibilidade aos fatos é que se pode caminhar na direção de compreendê-los. Afinal, o que é a pesquisa em ciências humanas senão o exercício de desestabilizar conjecturas e perspectivas reducionistas?

Vejamos o mesmo conflito moral elencado em outras respostas:

É algo realmente muito delicado, pois amo teatro, amo a igreja e amo a universidade, porém não é tão fácil nem tão simples quanto as pessoas pensam, exige todo um cuidado da minha parte para saber dirigir a minha vida sem me entristecer por causa de nenhum deles. (ESTUDANTE 2)

Há coisas que apresento na Universidade que não poderiam ser levadas à Igreja. Assim como coisas da Igreja que não teriam a mesma eficácia dentro da Universidade, talvez. Mas, por conseguir fazer ambos: sou considerado contradição por quem polariza as questões. (ESTUDANTE 3)

Percebe-se nestes enunciados uma forte angústia com relação ao tema desta pesquisa. Embora o sujeito tome *todo um cuidado*, em seu discurso, para não desprezar nenhum dos campos de discussão, apresenta, nesta resposta, uma dualidade entre desejos e valores, e um medo de qualquer tipo de decepção, seja com o teatro, com a igreja ou com a universidade. Essa busca por um equilíbrio entre esferas de atividade humana que não dialogam de forma harmoniosa faz com que o estudante ocupe um difícil lugar de baliza, pois em respeito à igreja e ao que ela prega, evita-se, no espaço religioso, a realização de práticas que possam levar a uma contradição entre fé e conhecimento. Da mesma forma, o sujeito ainda não vê a universidade como um espaço fértil de discussão dessas questões que o afligem.

Ao ler Volóchinov (2017, p. 232), sabemos que:

Toda compreensão é dialógica. A compreensão opõe-se a outra no diálogo. [...] qualquer palavra realmente dita não possui apenas um tema e uma significação no sentido objetivo, conteudístico dessas palavras, mas também uma avaliação, pois todos os conteúdos objetivos existem na fala viva, são ditos ou escritos em relação a certa ênfase valorativa. [...] Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 233, 236)

É preciso considerar a própria enunciação como um processo axiológico. Isso implica, por uma perspectiva bakhtiniana, assumir que a compreensão se dá no confronto com as orientações avaliativas que compõem um determinado enunciado. Por isso, para o autor, “a consideração da avaliação social é necessária justamente para compreender a formação histórica do tema e das significações que o realizam” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 237). Nesse viés, ao olhar para o que dizem os sujeitos dessa pesquisa, podemos depreender de seus discursos uma busca por aceitação nos espaços, nos quais eles mesmos se constroem socialmente: a igreja, a universidade e o teatro. Há, nas entrelinhas do que dizem, um desespero muito próximo de um autopolicimento discursivo, um esforço para que suas vozes, em ambos espaços, sejam ouvidas, como se eles estivessem mobilizando suas formas de atuação no sentido de não “ferir” seus princípios religiosos e, ao mesmo tempo, conseguir ambientação e aceite de sua condição de estudantes universitários de teatro.

Lembremos que, enquanto evangélico, o sujeito é rotulado dentro da universidade muitas vezes como preconceituoso, homofóbico, machista, etc., devido ao discurso sobre ser evangélico que circula socialmente⁷. O discurso teatral, por sua vez, vincula-se à também distorcida ideia de que quem faz teatro é desconstruído, livre de preconceitos, transgressor, demoníaco⁸. Tais polarizações discursivas apenas reforçam as dificuldades encontradas por um sujeito evangélico para obter uma formação universitária no campo das Artes Cênicas.

⁷ Ver, a título de exemplificação, a reportagem do Jornal Folha de São Paulo, de 2020: *Cretefobia vira debate num país onde evangélicos já são maioria entre jovens*, disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/cretefobia-vira-debate-num-pais-onde-evangelicos-ja-sao-maioria-entre-jovens.shtml>>. Acesso em 08 mar 2022.

⁸ Ver, a título de exemplificação, a reportagem do Jornal Gazeta do Povo, de 2016: *“Teatro é coisa do diabo!”: Pastor lança maldição contra peça curitibana encenada na rua*, disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/teatro/teatro-e-coisa-do-diabo-pastor-lanca-maldicao-contra-peca-curitibana-encenada-na-rua-0w8fcp0xnn2boloeuo8p4qvbr/>>. Acesso em 08 mar 2022.

Em uma perspectiva um pouco diferente, o próximo enunciado apresenta o que poderia se configurar enquanto uma solução provisória no trato das questões ora levantadas:

Não vejo o porquê desta divisão, teatro é teatro, arte é arte, e igreja é igreja, não vejo o porquê problematizar isso sendo que podemos conviver muito bem fazendo teatro sem questionar a igreja, o ator precisa ser laico também. (ESTUDANTE 4)

Respondendo às perguntas anteriores. Nunca houve uma proposta no teatro religioso que fosse contrário ao código de conduta da igreja – opta-se sempre aos temas religiosos e à reflexão teológica. Entretanto, no teatro não religioso, há uma censura comum em diversos momentos: posicionamento político, linguagem, orientação sexual, etc. A Universidade vem se tornado tanto mais intolerante quanto a religião em assuntos morais. Obviamente que não há espaço, porém, na religiosidade, para introdução de novos pensamentos e posicionamentos. O contraditório sequer é considerado quando em ambiente religioso. Enquanto que, ainda que resistente, a universidade lida melhor com o novo e com o contraditório. (ESTUDANTE 5)

A relação entre teatro e igreja remonta aos tempos de teatro para evangelização. Para além disso, no entanto, é preciso considerar que, quando o estuante diz que dentro da igreja não existe espaço para o novo, para a *introdução de novos pensamentos e posicionamentos*, o lugar se abre a uma discussão sobre o fundamentalismo religioso que impera, especialmente em algumas vertentes vinculadas a um evangelho neo/transpentecostal.

De dentro do fundamentalismo, portanto, não devemos esperar disposição para aberturas. A classificação da vida, das gentes e das coisas pela inclusão da diferença tem de passar de fora para dentro do fundamentalismo, fazendo-o vacilar. É hora da intrusão da diferença na história do mesmo. A diversidade, em todas as vertentes, não pode ceder mais nenhum espaço à mesmice. (MARTINS CAMPOS, 2019, p. 379-380)

Quais os dizeres bíblicos que impedem o teatro de se manifestar dentro da igreja e quais os valores seriam perdidos aos atores e espectadores caso realizassem uma peça ou exercício prático corporal de caráter não religioso? O teatro dialoga com diversas frentes sociais e inúmeras comunidades e uma de suas características é propiciar encontros entre pessoas que, juntas, em um mesmo espaço, possam se colocar em contato (tanto em um laboratório de prática teatral,

como o contexto universitário, quanto em uma situação de apresentação, na qual público e equipe teatral se sintonizam por meio da arte).

Do mesmo modo, os discursos políticos recentes atribuem à universidade um caráter opressor ao inverso, ou seja, a universidade é o local onde os estudantes teriam contato com professores doutrinadores, vinculados às suas “ideologias”. Temos aqui, no mínimo um contraponto, um controverso feixe de sentidos, já que o discurso dos estudantes nos leva a pensar sobre intolerâncias de ordem religiosa, artística e até mesmo acadêmica.

Todos os anos, diversos estudantes com vivências diferentes chegam à universidade, dispostos a também conhecer o quê de novo que ela tem a oferecer. Trazer ao debate as relações entre fé e arte nos parece, ainda, um campo de enfrentamento esmaecido. Aceita-se de forma bem vista, por exemplo, que um sujeito evangélico possa realizar um curso universitário na área de música, artes visuais ou mesmo dança. É na relação com o teatro que residem as questões mais “problemáticas”. Esse fato pode ser explicado pela ideia advinda do senso comum de que quem faz teatro é adepto a um determinado tipo de libertinagem, provocada pela própria formação do ser de teatro, que implica, mais do que desvencilhar-se de preconceitos e máscaras sociais, aceitar o outro e suas particularidades e diferenças. Nesse sentido, vale retomar a argumentação quanto às relações entre religião, teologia e política, especialmente no que se refere ao exclusivismo e sua presença em grupos religiosos como evolução do próprio fundamentalismo:

Essa cristalização exclusivista demarca a desmobilização da vitalidade do político; é a anulação das diferenças, a redução da pluralidade à estabilidade de uma forma do poder que permanece identificada na imanência ao corpo do rei, na transcendência à onipotência de Deus. Mesmo que tal corporeidade seja transitória, a teologia política mantém a unidade simbólica e a permanência desse corpo político lastreadas na transcendência de uma verdade que ela sustenta ser atemporal e indestrutível. (BARROS, 2020, p. 35)

Os discursos dos estudantes nos forçam a ver, de certa forma, um emaranhado de situações (palavras) que ficam em aberto, à procura de audição, ou seja, os contrapontos vivenciados pelos sujeitos dessa pesquisa estão longe de entrar na malha discursiva de uma forma pacífica e harmoniosa. Há, na igreja e na

universidade, discursos sobre o fazer teatral que não se conectam, que não conseguem dialogar em virtude dos conflitos imanentes ao tema. A relação com a noção de pecado, por exemplo, impede que os estudantes se aventurem em práticas teatrais diversas, tanto no caráter laboratorial da formação do ator quanto na aceitação de personagens que este pode ou não fazer (se estão em acordo ou não com seus princípios religiosos). Desconstruir um discurso enraizado na alma não é, assim, tão fácil e simples. A julgar pelas experiências dos autores desse texto, a única condição aceitável para a finalização desta análise é a de que estamos em um processo. Processo este, não finito, mas que se encaminha no intuito de encontrar, entre as possibilidades e limites da relação ora estudada, brechas para o exercício da fé e da liberdade artística em um mesmo espaço de convivência.

Conclusão: Deus e o diabo na terra do sol

Pergunta e resposta não são relações (categorias) lógicas; não podem caber em uma só consciência (uma e fechada em si mesma); toda resposta gera uma nova pergunta. Perguntas e respostas supõem uma distância recíproca. Se a resposta não gera uma nova pergunta, separa-se do diálogo e entra no conhecimento sistêmico, no fundo impessoal. (BAKHTIN, 2017, p. 66, 76)

Para finalizar esta análise, lembramos que, durante sua própria história, o teatro vem transgredindo a si mesmo (GUÉNOUN, 2004), desterritorializando modelos e práticas e sobrevivendo a revoluções tecnológicas e avanços de um mundo que pede uma existência automática.

O mistério de se fazer teatro na contemporaneidade reside, justamente, em seu potencial para propor formas de pensar a vida e maneiras ser/estar no mundo que possam se distanciar de modelos, normas e épocas específicas. Aí é que está, a nosso ver, a chave para a aceitação, pelo campo das Artes Cênicas, de toda e qualquer tribo que queira aventurar-se pelos caminhos da cena.

Cabe a nós, artistas do teatro, muito mais do que a eles (evangélicos e outras correntes, grupos e coletivos que possuem princípios e códigos próprios), atuarmos na direção de confirmar o que pregamos: o amor. Sim, porque se o teatro

é, immanentemente, a arte do encontro, ele é também, a arte do amor. E se cada encontro pode ser percebido, em nossa perspectiva de análise, como um evento de acontecimentalidade (MORSON, 2015), por sua possibilidade de se renovar e provocar novos sentidos, que sejamos nós, artistas do corpo e da cena, responsáveis por gerar encontros improváveis e inusitados entre seres humanos, e fazer, nós mesmos, como diria Bakhtin, a nossa *feira de renovação*.

É necessário, porém, que estejamos em constante estado de alerta. Não são raros os ataques às artes, e especialmente ao teatro, baseados em princípios religiosos, que têm se tornado espantosamente comuns⁹.

Referências

ARAGÃO, Jarbas. Peça com Jesus Travesti é proibida em Pernambuco. **Política, Gospel Prime**, 2018. Disponível em: <<https://www.gospelprime.com.br/peca-com-jesus-travesti-e-proibida-em-pernambuco/>>. Acesso em 30 ago. 2021.

BARROS, Douglas Ferreira. Teologia política: disciplina de estudos e pesquisas acerca da relação entre religião, teologia e política. **Interações**, v. 15, n. 1. p. 12-41, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/21200>>. Acesso em 07 mar. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do Conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária. In: BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance**. Tradução (do Russo): Aurora Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Nazário e Homero Freitas de Andrade. Sexta edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2010 [1924]. pp. 13-70.

_____. Por uma metodologia das Ciências Humanas. In: **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017. [1930-40].

BOGDAN, Robert.; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.

CALDAS, Carlos. Desafios da teologia pública para a reflexão teológica na América Latina. **Revista de Cultura Teológica**, n. 88. Ano XXIV. 2016. Disponível em:

⁹ Ver, a título de exemplificação, as seguintes reportagens: *Ofensa de diretor da Funarte a Fernanda Montenegro indigna classe artística* (GIANNINI; BARROS, 2019) e *Diretor da Funarte decide entregar teatro no Rio a companhia evangélica* (MOLICA, 2019).

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i88.30936>>. Acesso em 06 mar. 2022.

CAMPOS, R. H. de F. A pesquisa em ciências humanas, ciências sociais e educação: questões éticas suscitadas pela regulamentação brasileira. **Educação E Pesquisa**, 46, 2021. pp. 1-20. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/170728>>. Acesso em 01 mar. 2022.

GIANNINI, Alessandro; ARAGÃO, Helena; BARROS, Luiza. Ofensa de diretor da Funarte a Fernanda Montenegro indigna classe artística. **Cultura, O Globo**, 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/ofensa-de-diretor-da-funarte-fernanda-montenegro-indigna-classe-artistica-23967687>>. Acesso em 02 Set. 2021.

GROPPO, Luís Antonio; BORGES, Lívia Furtado. Grupo evangélico na universidade: práticas formativas, identidade religiosa e relações políticas. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, p. 173-196, Dec. 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872018000300173&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 set 2021.

GONÇALVES, Jean. **Teatro e Universidade: Cena. Pedagogia. [Dialogismo]**. São Paulo: Hucitec, 2019.

GONÇALVES, Jean Carlos; MCCAWE, Dick. Bakhtin e as Artes do Espetáculo. **Bakhtiniana. Revista de estudos do discurso**, v. 14, n. 3, 2019. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/43919>>. Acesso em 01 set. 2021.

GUÉNOUN, Denis. **O teatro é necessário?** São Paulo: Perspectiva, 2004.

MCCAWE, D. **Bakhtin and Theatre: Dialogues with Stanislavsky, Meyerhold and Grotowski**. Abingdon: Routledge, 2016.

MARTINS CAMPOS, B. A exclusão do outro na história do mesmo: uma tentativa nova de classificar o velho fundamentalismo religioso. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, [S. l.]**, v. 15, n. 2, p. 354-381, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.1982-6605.2018v15n2.41753. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/41753>>. Acesso em 6 mar. 2022.

MOLICA, Fernando. Diretor da Funarte decide entregar teatro no Rio a companhia evangélica. **Brasil, Veja**, 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/diretor-da-funarte-decide-entregar-teatro-no-rio-a-companhia-evangelica/>>. Acesso em 01 set. 2021.

MORAES, Gerson. Neopentecostalismo – um conceito obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **Revista de estudos da religião**. Ano 10, 2010. Disponível em <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/index.html>. Acesso em 20 ago. 2021.

MORSON, Gary Saul. O cronotopo da humanidade: Bakhtin e Dostoiévski. In: BEMONG, N. et al. (Org.) **Bakhtin e o Cronotopo: Reflexões, aplicações, perspectivas**. Trad. Oziris Borges Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MESQUITA, Mariana. Peça de teatro em que travesti interpreta Jesus é censurada mais uma vez. **Diversão, Folha Pe**, 2018. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/diversao/diversao/teatro/2018/12/27/nws,91594,71,582,diversao,2330-peca-teatro-que-travesti-interpreta-jesus-censurada-mais-uma-vez.aspx>>. Acesso em 30 ago. 2021.

SANTOS, Rafael Sousa, VALE, Clara Pimenta, BOGONI, Barbara; KIRKEGAARD, Poul Henning. Investigação de campo qualitativa em contexto educacional: Definição e considerações. **New Trends in Qualitative Research**, 7, 2021. 190-199. Disponível em: <<https://doi.org/10.36367/ntqr.7.2021.190-199>>. Acesso em 03 mar. 2022.

SINNER, Rudolf Von. A presença da religião no espaço público. **Confluências culturais**. v. 2. n. 1. 2013. Disponível em <<http://periodicos.univille.br/index.php/RCC/article/view/541>>. Acesso em 06 mar. 2022.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo/SP: Editora 34, 2017.

WHITE, Ellen. **Mensagens aos jovens**. São Paulo: UNASP, 2013.

ZEFERINO, Jefferson. **A teologia pública no Brasil**. Interações, v. 15, n. 1, p. 90-107, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/19388>>. Acesso em 06 mar. 2022.